

Uva e “Macaúba...” *

Zenilo Almada**

Nesse desfile das coisas que o tempo levou, toma posição imponente no competente departamento dos ambulantes anônimos que faziam da arte de viver a arte de vender, certos tipos de pessoas por sua compleição física, marcada muitas vezes pela ausência de beleza, porque a natureza lhes fora madrasta, desprovidos de alguns dotes pessoais e quase sempre analfabetos; mas, nem por isso, por serem despreziosos e humildes deixam de merecer de Deus a compaixão, dando-lhes meios de sobreviver.

Com esses predicados dá passo à frente a desfilar na ala dos vendedores ambulantes, – o velho vendedor de “uva e macaúba”. Era singularmente de uma feiúra de “espantar neném” e à noite quem o fitasse mais demoradamente tinha dificuldade de conciliar o sono diante daquela imagem que mais se assemelhava a um Quasímodo. Coitado! Ele não pediu para ser assim. A natureza por fás ou nefas não lhe deu melhor feição, esquecendo de alguns dotes físicos imanentes à beleza, mas quem sabe – sua alma branca, diferente da sua cor, cujo “pano” (pele), como se dizia, era discriminado do branco por ser preto.

Mas como já foi aprovado no desfile pela comissão composta por quem só mede a bondade, a boa vontade de ajudar, respeito humano e os desígnios do Alto, toma posição no seu lugar tenente e grita “Uva e macaúba”, “uva e macaúba”, no seu habitual trajeto, geralmente à noite, pelas ruas a oferecer os frutos da época, como piqui, coco-babão, carambola, manipuçá, rosário de catolé (de coco) muito apreciado pela meninada dos anos 40/50. Percorria todas as ruas da urbe com o seu grito tenebroso, prolongando a sílaba tônica, dando a impressão de uma “coisa do outro mundo”, metendo medo a quem não o conhecesse há algum tempo...

* Diário do Nordeste, Fortaleza, 28 jul. 2002. Cultura, p. 3.

** Advogado

O nosso evidenciado no momento que nos anima era um preto de boa estatura, corpulento, cuja roupa se assemelhava ao modelo do dólma, embora de tecido popular da qualidade dos que se usavam na época, ou seja, de brim, caruá, cáqui ou de mescla que eram os mais usados da época para as indumentárias masculinas, sobretudo a mescla de cor azul. Por ser tecido mais resistente era indicado para os que faziam a expedição voluntária da SENTA – cuja sigla, não tenho certeza, mas parece-me que significava Serviço Nacional das Terras da Amazônia – principalmente o trabalho da extração do leite (látex) que produzia a borracha. Daqui partiram levadas e mais levadas de cearenses que lá ficaram para sempre. Pois bem. O nosso entrevistado mensageiro das saudades dos tempos dos anos 40 até 60, talvez não exista mais, porque a essa época já tinha bastante idade. Era vendedor de uva e macaúba, trajado à moda antiga, conduzindo um “balaio” arredondado, feito com cipó, com seus respectivos produtos, que sobrepunha na cabeça protegido por uma rodilha como proteção do crânio e isolar o peso...

Seu apregoar tinha especial conotação pela soturnez de sua voz cavernosa que a alguns metia medo, mas superada diante das apreciadas gulodices oferecidas, que não podiam ser rejeitadas pela preferência da garotada que enfrentava aquela imagem, que comprometia a beleza diante da fundamentada feiúra do vendedor. Ah! coitado! Além disso tinha ainda um desvio em um dos olhos que o tornava uma figura horrenda. Mas, como dizem que “beleza não põe mesa”, a feiúra demais, além de causar medo, tem quer ser compensada por qualquer atributo pessoal, que possa suportar e evitar discriminação pelos contemplados da belezaria, que segundo o poeta Vinícius de Moraes sentenciava “os feios que me perdoem, mas a beleza é fundamental”. Talvez tenha suas razões porque se louvando do plágio como mote esclarece “que a beleza é fundamental”, para justificar que “o amor é eterno enquanto dura...”

Mas, para consolo nosso – nos valem os que proclamam – “Quem ama o feio bonito lhe parece”... ou ainda – “a beleza é como chita: para uns é feia, para outros bonita”... Mas, a beleza é multiforme na sua aceção – tem até a tão decantada e apreciada pela inerência dos seus dotes anatômicos – a célebre “beleza da Raimunda”.

Porém, como não estamos em concurso de beleza, o que por aqui desfila é a saudade indelével e a lembrança do tempo em que nesta Cidade figuras folclóricas pululavam em todos os recantos, cada qual no seu secreto departamento, administrando conforme orientava o destino de cada um, e tivemos a grande ventura de ter participado em cada quadra das nossas vidas, vivenciando fatos que hoje se tornaram inusitados e que muitos dos nossos conterrâneos não fazem a menor idéia de um passado – que de nós se distanciando apenas pelo espaço de tempo, continua vivo em cada um de nós, saudosistas inveterados desta tão querida Fortaleza. Assistimos todos os dias às transformações que pouco a pouco tiram-lhe de sua feição traços que modificam a fisionomia da cidade pacata, sem o estonteante barulho das grandes cidades, mas de um céu azul estrelado a cintilar, tornando-a turbulenta e buliçosa. Embora saibamos que essa modernidade, fruto do progresso que forçosamente temos que aceitar, até porque traz benefícios a todos nós da comunidade, obedece à ordem necessária entre povos e nações, para não perdermos o compasso do progresso. É o caso agora do metrô de superfície, em fase bem iniciada e já com previsão do término da obra e, ainda, podemos recordar fato que se repete, ou seja, a verossemelhança da Rua do Trilho de Ferro – hoje Av. Tristão Gonçalves – onde no século passado passava o trem por sobre os trilhos e, agora, com a modernidade os trilhos que se fixavam sobre o solo, passam a correr no mesmo lugar – mas abaixo do solo, onde correrão somente vagões elétricos, transportando a população onde, por certo, não terão mais ambulantes, vendedores de “panelada de fígado gordo”, de “cruzeta, tá na hora, quem quer?” e uma infinidade de vendedores que faziam seus pregões desde o amanhecer ao entardecer; mas, para contentamento só dos que naquela época tiveram a feliz ventura de avaliar para dizer que são “coisas que o tempo levou e não voltam mais”. – A inesquecível hora da saudade...

E, por falar nisso, me vem à mente a voz plangente e cheia de melancolia de José Lima Verde, do seu programa semanal às segundas-feiras transmitido à época pela única rádio – Ceará Rádio Clube – P.R.E. 9 –, a partir das 21:00 horas, no qual relembro

fatos, coisas, com repertório de músicas do passado, cantadas e executadas por pessoas que constituíam as famílias cearenses e tinham boa voz, acompanhadas por bons instrumentistas como a sanfona do Zé do Vale, Cirino no contrabaixo, violão do Zé Guimarães, cavaquinho, "banjo" (acho que nem se fabrica mais), que tornavam agradáveis os momentos levados ao ar pelo seu grande idealizador, Lima Verde.

O que ainda não caiu no esquecimento de todos, e de vez em quando se ouve cantar, é ainda o prefixo musical do programa, o qual é hoje lembrado quando se quer referir a alguma coisa do passado, ou fora da atualidade, ou mesmo – às "coisas que o tempo levou", deixando as saudades no seu lugar. "Vale a pena recordar para viver, ou viver para recordar?" Sei lá, Deus é quem sabe...